

A OBRA *MAMAN* EM DISCURVIDADE NO FILME *O HOMEM DUPLICADO*

Milena Beatriz da Silva (PIBIC-CNPq- FA/Uem), Renata Marcelle Lara
(Orientadora), e-mail: renatamlara@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Fundamentos da
Educação / Maringá, PR.

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

Palavras-chave: Análise de Discurso, *Maman*, Homem Duplicado.

Resumo

A pesquisa de Iniciação Científica aborda o funcionamento discursivo da obra *Maman*, da artista Louise Bourgeois, no filme *O Homem Duplicado*. Indagando como uma obra de arte pode se relacionar e constituir uma produção fílmica chegou-se ao seguinte problema da investigação: *De que maneira a obra artística Maman participa da discursividade de O Homem Duplicado?* Como objetivo, buscou-se observar o funcionamento discursivo da/na presença de tal obra na constituição e estruturação do discurso fílmico de *O Homem Duplicado*. O percurso teórico-analítico sustenta-se no referencial da Análise de Discurso francesa e de seus desdobramentos no Brasil acerca do Discurso Artístico, além de estabelecer diálogos com pesquisadores da vida e obra da artista Louise Bourgeois.

Introdução

Maman, com cerca de 10 metros de altura, é uma obra da artista francesa Louise Bourgeois, construída no formato de uma aranha gigantesca produzida com cobre, mármore e aço. A produção artística de Bourgeois que, segundo Frayze-Pereira (2007), foi feita pela artista como uma homenagem à sua mãe, aparece em *O Homem Duplicado*, dirigido por Denis Villeneuve. No filme, a escultura da aranha surge voando pelo céu da cidade de Toronto, no Canadá.

A produção fílmica é adaptação de um livro de José Saramago, livro este também intitulado *O Homem Duplicado*. Tanto no filme quanto no livro, a história gira em torno de um homem que descobre a existência de uma pessoa igual a si. Villeneuve adapta a obra de Saramago para a linguagem cinematográfica, fazendo um forte trabalho visual e mistura de elementos que ganham um caráter simbólico, e joga como o aparecimento da obra *Maman*, de Louise Bourgeois, no desenvolver de uma cena. A maneira como a obra aparece é desestabilizadora.

Sendo assim, busca-se observar o funcionamento discursivo da/na presença da obra *Maman* (1999), de Louise Bourgeois, na constituição e estruturação do discurso fílmico de *O Homem Duplicado* (2014). Para tal observação e de seus efeitos, apoiamos-nos na Análise de Discurso francesa de Michel Pêcheux (2008). A fim de compreender mais sobre a aranha de Bourgeois, baseamos-nos em Manchester (2009) e Frayze-Pereira (2007).

Materiais e métodos

O filme *O Homem Duplicado* (2014), dirigido pelo cineasta canadense Denis Villeneuve, é o material tomado para análise discursiva da pesquisa, norteada pela pergunta: De que maneira a obra artística *Maman* participa da discursividade fílmica? Tal análise foi conduzida a partir do método discursivo materialista no batimento entre descrição e interpretação proposto pelo referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa. Como já exposto na Introdução, o filme analisado é uma adaptação do livro *O Homem Duplicado*, de Saramago. Em seu livro, o escritor não conta uma história científica, de clones, ou algo do gênero, mas discorre sobre a vida de um homem que descobre que em sua própria cidade há um homem idêntico a ele, como se fosse um irmão gêmeo, embora não seja. Analiticamente, trabalhamos com recortes discursivos do filme que permitiram encontrar regularidades capazes de apontar para além do conteúdo. Desta forma, a entrada analítica deu-se a partir da obra *Maman* (1999), aranha metálica de cerca de 10 metros de altura, que aparece no filme, desestruturando o que se tem como *logicamente estabilizado* para a figura de uma aranha no cenário social citadino.

Resultados e Discussão

Nossa análise de *O Homem Duplicado* foi norteada a partir da cena onde a obra *Maman* aparece logo após um diálogo do personagem principal com sua mãe. Tal aparição nos causa inquietação investigativa, visto que tal imagem não está dentro do que é, em termos de social, logicamente estabilizado, pois não é comum a cena de uma aranha que flutua pelo céu. O que torna mais motivador pensar na aranha como uma entrada analítica é saber que essa aranha a pairar pela cidade trata-se de uma obra artística que não está ali como um mero objeto integrador de um cenário. A obra da artista francesa Louise Bourgeois (1911-2010) é fruto de uma série de várias aranhas que ocupam inúmeros espaços públicos do mundo. Conforme Frayze-Pereira (2007, p. 99), “numa espécie de homenagem simultaneamente globalizada e singular à mãe da artista, que faleceu quando esta era muito jovem: o nome da peça não é aranha, mas justamente *Maman*”. Frayze-Pereira também comenta o que a própria Bourgeois, que costumava fazer anotações de seu processo criativo, diz sobre *Maman*. A artista, conforme o autor, diz que sua mãe era paciente e delicada, inteligente, limpa e útil, assim como uma aranha. A família de Bourgeois possuía e operava uma empresa de tapeçaria, o que, para

Frayze-Pereira (2007, p. 100), “permite fazer analogias entre o tear das tecelãs, inclusive o de sua mãe, e as teias de aranha que povoam sua obra”. O fato de a obra de Bourgeois se chamar *Maman* e ter sido feita como espécie de homenagem para a mãe da artista é significativo. *Maman* aparece no filme logo após o personagem principal visitar sua mãe. Em termos do que é tido enquanto normalizado para a maternidade, há adjetivos que se relacionam com proteção, afeto e cuidados. Entretanto, a figura da aranha tende a figurar, socialmente, como ameaçadora. As grandes dimensões de *Maman* colaboram para o efeito de grande predadora. Sendo assim, ao mesmo tempo em que protege, ameaça. De acordo com Manchester (2009), Louise Bourgeois, em uma de suas publicações, dá ênfase a atributos positivos que uma aranha pode ter, além de conectar seus processos artísticos com os processos que uma aranha realiza. A autora relata que, no entanto, as aranhas são mais comumente pensadas como uma fonte de medo e asco. Observamos que Manchester argumenta que apesar de Louise Bourgeois dar ênfase aos atributos positivos da aranha, os animais são mais comumente vistos como algo que impõe medo.

Em 2014, o diretor do filme, Denis Villeneuve, falou sobre *O Homem Duplicado* em entrevista a David Gregory Lawson, do blog *Film Comment*. O cineasta foi questionado por Lawson se a aranha que aparece pairando sobre a cidade era uma referência à obra de Louise Bourgeois, apropriadamente chamada de *Maman*. Villeneuve respondeu que, por meses, esteve pensando em aranhas e trouxe essa ideia para a execução do roteiro do filme, por que isso era, para ele, a imagem perfeita que traduziria algumas ideias do livro escrito por Saramago. Segundo o cineasta, quando ele pensou sobre a aranha, existia algo específico pelo qual ele estava procurando – o sentimento de uma besta na qual a coisa principal era a inteligência. Villeneuve entendeu, conforme explica, que a aranha era essa besta com uma característica de forte inteligência e elegância. O melhor exemplo que encontrou, segundo o diretor, foi essa escultura de Louise Bourgeois.

Não tomamos essas “contradições” apresentadas como oposição estanque, mas como contradições discursivas, no sentido da possibilidade de sentidos supostamente excludentes conviverem disputando (n)o mesmo espaço. Os qualificadores que descrevem e significam o animal enquanto besta/algo elegante, predador/oferecedor de proteção, por exemplo, estão funcionando ao mesmo tempo, como contradições discursivas, isso tendo em vista que, no mundo logicamente estabilizado, “é ‘impossível’ que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não o tenha, que esteja trabalhando e esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês e que ganhe mais, que seja civil e que seja militar [...]”. (PÊCHEUX, 2008, p. 30, grifos do autor). Sendo assim, a figura da aranha funciona no filme em uma posição de desestabilização, denunciando o mundo conflituoso de um social continuamente dividido.

Conclusões

A obra artística *Maman* no contexto da produção fílmica analisada não é reduzida à decoração ou elemento de composição do cenário da história, como pudemos observar no filme *O Homem Duplicado*. Quando uma obra de arte funciona discursivamente na constituição e estruturação de um filme, ela está significando dentro dele e sendo significada pela própria produção, assim como (se) significa como parte do filme na relação de espectação. Constitutivamente, a arte tem como especificidade o sentido de desestabilização, possibilitando-a funcionar polissemicamente, sendo da ordem do Discurso Artístico, noção esta formulada pela pesquisadora de Análise de Discurso, Nádia Neckel. *Maman*, no filme *O Homem Duplicado*, põe a ver as contradições sócio-históricas e culturais de sujeitos afetados, constitutivamente, por conflitos inconscientes na disputa por sentidos.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Universidade Estadual de Maringá (UEM) por fomentarem projetos de pesquisa que contribuem com produção acadêmico-científica e colaboram na inserção de jovens pesquisadores nesse âmbito. Um agradecimento especial à professora orientadora dessa investigação, Dra. Renata Marcelle Lara, por sempre envolver-se com dedicação total nos projetos de pesquisa de seus alunos, incentivando-os sempre a buscar mais, promovendo o crescimento intelectual e a qualidade das investigações.

Referências

FRAYZE-PEREIRA, João. Segredos de família em exposição: psicanálise e linguagens da arte contemporânea. *Ide*, São Paulo, v. 44, n. 30, p.96-102, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062007000100015&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 11 dez. 2016.

LAWSON, David Gregory. **Interview: Denis Villeneuve**. 2014. Disponível em: <<https://www.filmcomment.com/blog/interview-denis-villeneuve/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MANCHESTER, Elizabeth. **Louise Bourgeois: Maman** 1999. 2009. Disponível em: <<http://www.tate.org.uk/art/artworks/bourgeois-maman-t12625>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.